

# A LEI Nº 10.639/03 E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

ÉRICA CRISTINA BISPO\*

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

*C*

## *Resumo*

Com a promulgação da lei nº 10.639/03, houve notável crescimento de cursos visando a suprir a carência do conteúdo Culturas e Literaturas Africanas e Afro-brasileiras na formação do professor. No intuito de colaborar com a formação do professor brasileiro, o trabalho que ora vem a lume é um relato da experiência de ministrar o curso intitulado “As literaturas africanas de língua portuguesa e a sala de aula”, no IFRJ-Paracambi, em maio de 2010. O público-alvo se compôs de professores da rede pública da cidade. Integrando o relato de experiência, pretendo apontar os principais desafios na elaboração e seleção de material para a oferta do curso, a reação dos professores às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa –LALP – e as principais propostas para a implementação dessa lei em sala de aula, como parte integrante da disciplina Literatura, estabelecendo relação dialógica com a literatura brasileira.

Palavras-chave: Educação; Literaturas africanas; Lei nº 10.634/03; Poesia africana; Prosa africana.

O dia 09 de janeiro de 2003 marcou a História dos estudos africanos e afro-brasileiros, pois foi esse o dia da promulgação da lei que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Tal inserção gerou um problema que ainda não foi resolvido: a ausência da temática na formação do professor.

Poucos dias após a promulgação da lei, diversos cursos de diferentes níveis iniciaram a jornada de tentar suprir a citada falha na formação do professor. Dentre as louváveis iniciativas, destaco a do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Paracambi – IFRJ-Paracambi –, que, em maio deste ano, promoveu capacitação para os professores da cidade intitulada “Curso Lei nº 10.639/03 no IFRJ de Paracambi”, curso do qual participei como

palestrante e do qual, doravante, começo a contar a experiência de elaboração e ministração.

O primeiro desafio enfrentado foi selecionar um recorte a fim de adequar meu objeto de estudo à realidade do público, formado maciçamente por professores do primeiro segmento do ensino fundamental. Iniciei o recorte no título da palestra: “As literaturas africanas de língua portuguesa e a sala de aula”; dentro do universo apresentado na lei nº 10.639, selecionei os espaços que me são peculiares: as literaturas africanas e a sala de aula.

Um princípio que entendo ser essencial para o ingresso no que chamo de “universo das africanas” é romper com a mentalidade estereotipada que nos é vendida pelo Ocidente. Para isso, abri a palestra com as palavras da poetisa nigeriana Chimamanda Adichie num vídeo de aproximadamente vinte minutos intitulado “O perigo da História Única”, no qual ela revela como nossas mentes são moldadas para ouvir uma determinada versão da história, além de nos incitar a olharmos o mesmo fato sob outros olhos, rejeitando as visões únicas e/ou maniqueístas.

Após a exibição do vídeo, no curso, fiz um segundo “ataque” ao público, com a leitura de “Você: Brasil”, do poeta caboverdiano Jorge Barbosa, texto do qual destaco os seguintes versos:

Eu gosto de você, Brasil,  
porque você é parecido com a minha terra.  
(...)  
Eu já ouvi falar de suas cidades:  
A maravilha do Rio de Janeiro,  
São Paulo dinâmico, Pernambuco, Bahia de Todos-os-Santos.  
(...)  
E gosto dos seus sambas, Brasil, das suas batucadas.  
dos seus cateretês, das suas toadas de negros,  
caiu também no gosto da gente de cá,  
(...)  
Nós também temos a nossa cachaça,  
O grog de cana que é bebida rija.  
(...)  
Temos também o nosso café da ilha do Fogo  
que é pena ser pouco,  
mas — você não fica zangado —  
é melhor do que o seu.  
(...)  
Eu desejava ir-lhe fazer uma visita  
mas isso é coisa impossível.  
([http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_africana/cabo\\_verde/jorge\\_barbosa.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/cabo_verde/jorge_barbosa.html))

Sem que houvesse necessidade de convite, mãos curiosas erguiam-se em perguntas acerca de como eles – esses estranhos africanos – conheciam tanto sobre nós. E, assim, com um grupo de cem professores fascinados, comecei a palestra.

Fiz uma breve introdução acerca da multiplicidade étnico-cultural do continente africano, informei-lhes acerca das diferentes formas de governo, culturas e línguas. Esclareci que o contato com os povos europeus não tem data de início, contudo há datas diversas para a colonização e a subjugação dos povos africanos. Falei ainda da divisão geopolítica existente hoje, que não respeitou questões étnicas, mas apenas os interesses econômicos dos colonizadores.

A aula seguiu com a apresentação dos países de língua portuguesa e suas respectivas literaturas, a partir da periodização proposta pela professora Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco (2003), dividindo a produção literária em paradigmas, que pode ser resumida assim: o primeiro momento ou paradigma está ligado à metrópole, com produção reprodutora da visão etnocêntrica e métrica lusitana; o segundo paradigma recebe influências dos movimentos de pan-africanismo e de negritude, a produção busca identificar traços “tipicamente africanos”, especificamente, angolanos, moçambicanos e caboverdianos; o terceiro momento é a produção cantalutista, que abarca a poesia que embalou o povo na luta contra a colonização; e o quarto paradigma é o pós-independência. A partir dessa visão global, cada país apresenta suas peculiaridades.

Além da explicação teórica, alguns poetas representativos foram lidos, tais como Alexandre Daskalos, Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Ana Paula Tavares, João Maimona revelaram a poeria de Angola; José Craveirinha, Rui Knopfli, Glória de Sant’Anna, Luís Carlos Patraquim, Eduardo White e Mia Couto exemplificaram Moçambique; Jorge Barbosa, Ovídio Martins e Baltazar Lopes mostraram o “tempero” de Cabo Verde; Hélder Proença, Agnelo Augusto Regalla, Tony Tcheka e Odete Semedo representaram a Guiné-Bissau; e Francisco José Tenreiro demonstrou São Tomé e Príncipe.

Não inseri dentre as leituras nenhum texto em prosa, contudo estes fizeram parte das propostas de trabalho. As propostas de trabalho efetivo com as obras de autores africanos aplicadas à sala de aula, devo salientar, foram a grande questão da palestra e são, também agora a motivação desta comunicação. A aproximação possível entre as obras brasileiras e as africanas de língua portuguesa é o gancho para a aplicabilidade da disciplina no ensino regular.

É surpreendente ao leitor brasileiro, neófito na área, a imagem que o Brasil representa no imaginário de luta das ex-colônias portuguesas como uma espécie de “irmão mais velho”. O fato de o Brasil ter conseguido desvencilhar-se da colonização ecoa como inspiração aos combatentes. A poesia caboverdiana “bebe” na fonte de “Pasárgada”, de Manuel Bandeira; e o Modernismo brasileiro influencia claramente as revistas **Claridade**, **Certeza** e **Suplemento Cultural**, as primeiras manifestações verdadeiramente caboverdianas no país. A escrita de Guimarães Rosa ecoa nos romances de Mia Couto, que é seu já declarado modelo. Da mesma forma como, em outros tempos, nossa literatura se

espelhou na Europa, a produção africana em Língua Portuguesa – LP – se espelha no Brasil. Sendo assim, proponho a inserção dos conhecimentos a partir da própria literatura brasileira, usando como escopo teórico a intertextualidade.

Para apresentar Angola, *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela, e *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui, são leituras simples, que tratam de pobreza, abandono e infância. A novela de Manuel Rui é acessível, foi publicado no Brasil em 2005; ao contrário de Ngunga, cuja edição brasileira está esgotada. Ressaltar as semelhanças e diferenças entre crianças brasileiras e angolanas; discutir o contexto de guerra, a coragem e o ingresso na vida adulta são algumas das possibilidades de trabalho a serem desenvolvidos por professores em sala de aula.

No que se refere à poesia, não é difícil encontrar pontos de contatos possíveis entre Angola e Brasil. Destaco aqui o poema “Adeus à hora da largada”, de Agostinho Neto, que diz:

Minha Mãe

(todas as mães negras

cujos filhos partiram)

tu me ensinaste a esperar

como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida

matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero

sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe

a esperança somos nós

os teus filhos

partidos para uma fé que alimenta a vida

(<http://betogomes.sites.uol.com.br/AgostinhoNeto.htm#POESIA12>)

Os versos de Agostinho Neto em muito se assemelham a “Vem, vamos embora/ Que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer...” (<http://letras.terra.com.br/geraldo-vandre/46168/>), do brasileiro Geraldo Vandré. A partir daí é possível uma infinidade de discussões, debates e muitos outros trabalhos além da interpretação do texto e da análise da literariedade dos poemas.

A partir da produção literária de Moçambique, o paralelo de Mia Couto e Guimarães Rosa é, pelo menos, óbvio. Além disso, o traço da mestiçagem e da convivência com o diferentes marcam Moçambique, uma vez que é a única ex-colônia voltada pra o Índico e, com isso, recebeu

bastante influência islâmica. Poemas que ressaltam tal presença múltipla podem render boas discussões acerca do outro, como alguém importante e digno de respeito. Na linha da discussão identitária, pode-se destacar o poema “Naturalidade”, de Rui Knopfli, que diz:

Europeu, me dizem.  
Eivam-me de literatura e doutrina  
européias  
e europeu me chamam.  
Não sei se o que escrevo tem raiz a raiz de algum  
pensamento europeu.  
É provável ... Não. É certo,  
mas africano sou.  
Pulsa-me o coração ao ritmo dolente  
desta luz e deste quebranto.  
Trago no sangue uma amplidão  
de coordenadas geográficas e mar Índico.  
Rosas não me dizem nada,  
caso-me mais à agrura das micaias  
e ao silêncio longo e roxo das tardes  
com gritos de aves estranhas.

Chamais-me europeu? Pronto, calo-me.  
Mas dentro de mim há savanas de aridez  
e planuras sem fim  
com longos rios languês e sinuosos,  
uma fita de fumo vertical,  
um negro e uma viola estalando.

(<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mocambique/naturalidade.php>)

Knopfli reflete num texto chamado “Naturalidade” as múltiplas identidades existentes em Moçambique, mas que também estão na formação da cultura brasileira.

Com a produção literária de Cabo Verde, além da promoção de diálogo entre Modernismo Brasileiro e nascimento da literatura caboverdiana, a temática sempre recorrente do “querer partir e ter que ficar” muito lembra a questão da migração nordestina. Um exemplo poético caboverdiano é o “Poema do mar”, de Jorge Barbosa, que diz:

O drama do Mar,  
O desassossego do mar,  
sempre  
sempre  
dentro de nós!  
(...)  
Este convite de toda a hora  
que o Mar nos faz para a evasão!  
Este desespero de querer partir

e ter que ficar!

([http://www.antoniomiranda.com.br/ poesia\\_africana/cabo\\_verde/jorge\\_barbosa.html](http://www.antoniomiranda.com.br/ poesia_africana/cabo_verde/jorge_barbosa.html))

Para trabalhar a literatura da Guiné-Bissau, sugiro dois autores hoje, com certa projeção no Brasil: Odete Semedo e Abdulai Sila, ambos têm edições brasileiras de alguma de suas obras. Em 2000, Odete Semedo publicou dois livros de contos e alguns apresentam ricas semelhanças com recolhas realizadas por Sílvio Romero e Câmara Cascudo. A obra de Semedo mescla contos da tradição oral com histórias de autoria identificada. Sila foi publicado no Brasil em 2006, não aconselho o romance **A última tragédia** para menores de 16 anos, pela presença da sexualidade, violência e estupro; contudo é uma obra extremamente rica em que se pode discutir a colonização e que pode ser aproveitada para debater o trabalho escravo no Brasil, por exemplo, além da importância da escola e da escrita. Para destacar um poema, da mesma forma que fiz com os demais países, cito Tony Tcheka, no texto "Ventriloquismo":

Já não sei  
se o poeta  
falou a verdade  
Já não sei  
se o amanhã  
é um canto  
madrugando  
nalgum canto  
Já não sei  
se o amanhã  
desabrocha  
em flor  
se amor  
encanto  
ou desengano

Manto de fantasia  
esse amanhã  
inebria a sua letra-arte  
que o tempo  
agora amolece  
Mas já não sei...  
confesso  
já não sei  
quando amanhece

esse amanhã

(TCHEKA, 1996, p. 93)

Sobre São Tomé e Príncipe, as leituras de José Francisco Tenreiro, Alda do Espírito Santo, Conceição Lima ou Inocência Mata podem enriquecer culturalmente os alunos. Um dos poemas mais famosos do país, “Canção do Mestiço”, de Tenreiro, pode servir de gancho para discutir mestiçagem e miscigenação, texto do qual destaco os versos: “Nasci do negro e do branco/ e quem olhar para mim/ é como que se olhasse/ para um tabuleiro de xadrez” ([http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_africana/s-tome\\_princepe/francisco\\_jose\\_tenreiro.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/s-tome_princepe/francisco_jose_tenreiro.html)).

À medida que selecionava o *corpus* a ser explorado na palestra, percebi o quanto farto o material disponível na internet acerca dos autores africanos de língua portuguesa. Por isso, diante de tal leque, talvez, a grande dificuldade para o professor não inserido no “universo das africanas” seja o que selecionar para apresentar. Sendo assim, minha concepção é a de que cabe ao pesquisador direcionar e facilitar os professores de educação básica aos conteúdos, às discussões possíveis e aos momentos possíveis para inserir mais esse conhecimento no currículo.

Através desta comunicação e da palestra realizada em maio, não espero ter aberto caminhos, mas ficarei satisfeita em iluminar veredas das literaturas africanas de língua portuguesa para o professor de educação básica, grupo do qual também faço parte.

## ABSTRACT

With the promulgation of Law No. 10.639/03, there was remarkable growth of courses aimed at filling the content of the Cultures and Literatures African and Afro-Brazilian in teacher education. In order to collaborate with Brazilian teacher education, the work we now come to light is an account of experience teach the course entitled “The Portuguese-speaking African literature and the classroom” in IFRJ-Paracambi in May 2010. The audience was composed of public school teachers in the city. Integrating the experience report, I intend to identify the main challenges in the design and material selection for the offering of the course, teachers’ reactions to African Literatures of Portuguese-LALP - and the main proposals for the implementation of this law in the classroom, as part of the course literature, establishing dialogic relationship with the Brazilian literature.

Key words: Education; African Literatures; Law No. 10.634/03, African Poetry, Prose Africa.

BÂ, Amadou Hampâté. "Palavra africana". In: **O Correio da UNESCO**. Ano 21, número 11. Paris; Rio de Janeiro, novembro de 1993. pp. 16-20.

BÂ, Amadou Hampâté. [Confrontações Culturais]. Entrevista concedida a Philippe Decraene no **Le Monde**, em 25 de outubro de 1981. *Apud*: Thot, n° 80, abr. 2004, pp. 3-12.

BIBLIOTECA ENTRE LIVROS, Edição Especial, n°6, s.d.

CONSELHO NACIONAL DE CULTURA. **Mantenhas para quem luta: A nova poesia da Guiné-Bissau**. (edição fac-similada). Bissau: s.n., 1993.

DASKALÓS, Maria Alexandre. APA, Livia & BARBEITOS, Arlindo (Org.). **Poesia Africana de língua portuguesa (Antologia)**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à História Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MACEDO, Tania Celestino de (Org.). **Antologia de poesia das literaturas africanas de língua portuguesa**. (mimeo.). UFRJ, 2°. Semestre de 1997.

PROENÇA, Helder. **Não posso adiar a palavra**. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

SECCO, Carmen Lucia Tindó (coordenadora). **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX: volume II: Cabo Verde**. Rio de Janeiro: UFRJ, Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e Setor de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, 1999.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX: volume III: Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: UFRJ, Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e Setor de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, 1999.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **A magia das letras africanas**. Rio de Janeiro: ABE Graph, 2003.

SEMEDO, Odete Costa. **Entre o ser e o amar**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

SILA, Abdulai. **A última tragédia**. São Paulo: Pallas, 2006.

TCHEKA, Tony. **Noites de insônia na terra adormecida**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

THOT, n° 80, abr. 2004



## DOCUMENTOS ELETRÔNICOS ON LINE:

[http://www.sitedeliteratura.com/Poesias/A\\_netol.htm](http://www.sitedeliteratura.com/Poesias/A_netol.htm), acesso em 10/05/10, às 15h.

[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_africana/cabo\\_verde/jorge\\_barbosa.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/cabo_verde/jorge_barbosa.html), acesso em 10/05/10, às 16h.

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mocambique/naturalidade.php>, acesso em 01/11/10, às 15h.

[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_africana/cabo\\_verde/jorge\\_barbosa.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/cabo_verde/jorge_barbosa.html), acesso em 05/11/10, às 10h.

<http://betogomes.sites.uol.com.br/AgostinhoNeto.htm#POESIA12>, acesso em 30/10/10, às 12h.

<http://letras.terra.com.br/geraldo-vandre/46168/>, acesso em 08/09/10, às 20h.